

As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

Tiago Alexandre Viktor

tiagoviktor@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Esse artigo tem por objetivo analisar o processo de urbanização do bairro do Rio Vermelho, Florianópolis (SC), a partir de meados de 1960, apontando as suas conseqüências sobre o modo de vida tradicional da comunidade e aferindo a percepção dos moradores nativos sobre este processo através da utilização da história oral.

Palavras-Chave: Rio Vermelho; História Oral; Materialismo Histórico; Urbanização.

Abstract: This article aims to analyze the urbanization process in the neighborhood of Rio Vermelho, Florianópolis (SC), from mid-1960, showing its consequences on the traditional way of life of the community and assessing the perception of the native inhabitants of this process through the use of oral history.

Keywords: Rio Vermelho; Oral History; Historical Materialism; Urbanization.

Rio Vermelho and the emergency in a new way of life

Um dos bairros mais distantes do centro de Florianópolis, Santa Catarina, o Rio Vermelho vem enfrentando um processo de transformação urbana desde o fim da década de 1960, que pouco a pouco vem contribuindo para a construção de um novo modo de vida na localidade. Até meados de 1960, o dia-a-dia do bairro caracterizava-se quase como rural:

O dia amanhece e com ele chega o calor do sol a abençoar a vida. É um dedo de prosa aqui, outro ali na casa dos vizinhos, na rua. Os carros de bois são conduzidos pela estrada de chão batido, as rendeiras estão à beira da rua compondo a canções com seus bilros, os engenhos de farinha funcionam com a força do gado, as brincadeiras sem malícia das crianças na rua, o sorriso espontâneo e a hospitalidade com que chega [...].¹

Nos últimos quarenta anos, um conjunto de importantes transformações estruturais fez com que o Rio Vermelho perdesse muito deste ar bucólico descrito por Lupi e Lupi. Tais mudanças incidiram não somente sobre a forma de ocupação do

¹ LUPU, J; LUPU, S. *apud* MENEZES, Dalma Lucia. *O Bairro do Rio Vermelho: um espaço em transformação*. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. p. 57.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960 espaço, mas sobretudo no modo de vida da população. Festejos e comemorações outrora tradicionais perderam importância no atual cotidiano da comunidade. Os engenhos de farinha de mandioca, que chegaram a ser mais de cinquenta no bairro, hoje (2009) se restringem a uma única unidade em funcionamento. Antes tão comum atividade agropecuária perdeu espaço: a cena dos moradores levando suas vacas para o curral tornou-se rara.²

Além disso, na década de 1990, um grande número de pessoas – de outros bairros, cidades, estados e até países – mudou-se para o Rio Vermelho em função do baixo preço de imóveis e terrenos, além da pretensa ‘qualidade de vida’ da localidade.³ Qualidade de vida que, aliás, vem se deteriorando com a intensificação do processo de urbanização. Em muitos aspectos, o bairro não estava preparado para atender as demandas do crescimento populacional. Dentre as consequências deste processo, Caruso destaca:

Entre os diversos relatos, os moradores contam e comentam a violência que cresce no bairro, comparando a atual situação com o tempo em que tais situações eram excepcionais. Hoje, os moradores do Rio Vermelho vêm-se obrigados a investir em segurança, o que do seu ponto de vista não era necessário em outros tempos. As situações mais comuns em tempos passados relembram os mais antigos, era o furto de pequenos animais ou alimentos. No lugar desses acontecimentos, estão agora suspeitas de consumo e tráfico de drogas, homicídios, roubos, entre outros.⁴

Sobre o processo desordenado de ocupação urbana do Rio Vermelho, Menezes destaca:

deparamos atualmente com uma realidade bastante preocupante. São quase 100 servidões que configuram o desenho urbano do bairro, o aumento da violência urbana, a falta de emprego para atender os novos moradores, a ausência de vagas nas escolas para as crianças e jovens, além da carência na área da saúde que não consegue atender a todos, entre outros. Assim aos poucos, o bairro caminha para um caos urbano e social, visível aos olhos dos moradores, mas que não encontra nos planejadores urbanos o apoio suficiente para o enfrentamento dos problemas.⁵

² CARUSO, J. P. L. *Interditos Matrimoniais: os contextos da fuga no Rio Vermelho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. p. 11-12.

³ *Ibidem*, p. 13.

⁴ CARUSO. *Op. cit.*, p. 13-14.

⁵ MENEZES. *Op. cit.*, p. 91.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

O processo de transformação urbana do Rio Vermelho reflete o processo maior de Florianópolis como um todo. Nas últimas quatro décadas, a urbanização da cidade intensificou-se. Nos anos 1960, a criação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e das Centrais Elétricas de Santa Catarina (CELESC) foram fundamentais para isso. Além da criação de estradas dentro da ilha permitiu uma maior mobilidade entre as áreas mais afastadas e o centro. A implantação da parte sul da BR-101, na década seguinte, permitiu a integração de Florianópolis à malha rodoviária estadual e nacional. Nesse contexto, a criação de novos empregos trouxe como consequência a chegada de importante contingente populacional oriundo de outros estados e cidades catarinenses, assim como a emergência da indústria do turismo. As atividades econômicas já existentes – como os engenhos de farinha de mandioca, a produção têxtil familiar e a pesca artesanal – acabaram suplantadas por uma nova estrutura produtiva, muito mais dinâmica, fruto do acelerado processo de urbanização, enquanto a própria cultura das comunidades tradicionais da ilha passou a descaracterizar-se frente à influência dos novos habitantes da cidade.⁶

Em sua dissertação sobre as transformações urbanas do Rio Vermelho, Menezes defende a relevância do estudo do bairro para o entendimento do processo geral de Florianópolis:

Em virtude da urbanização acelerada que vem se processando na Ilha de Santa Catarina [...], causando a destruição da paisagem natural bem como da cultura de comunidades tradicionais, a presente pesquisa adota o bairro do Rio Vermelho como uma amostra representativa dos bairros da Ilha.⁷

Nesse sentido, o Rio Vermelho se apresenta como um verdadeiro palimpsesto do desenvolvimento urbano de Florianópolis. No bairro, resquícios de um antigo modo de vida, transformado pela nova estrutura econômica da cidade, convivem com o novo cotidiano de uma localidade a urbanizar-se. Analisar este processo, desde meados da década de 1960, é o objetivo deste artigo. Para tanto, além de recorrer-se à bibliografia existente sobre a localidade, serão utilizados dados estatísticos provenientes de censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – já trabalhados pela bibliografia estudada – e informações obtidas através da realização de uma entrevista de

⁶ OLIVEIRA, Lisete Terezinha Assen de; MARX, Murillo. *Formas de vir-a-ser cidade: loteamentos e condomínios na Ilha de Santa Catarina*. 253 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 46-49.

⁷ MENEZES. Op. cit., p. 3.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960
história oral com um morador que tenha acompanhado as transformações urbanas do bairro nas últimas quatro décadas, no sentido de analisar como tal processo é percebido por seus antigos habitantes.

No presente trabalho, a relevância da utilização da história oral está na possibilidade de aferir dados objetivos e subjetivos (percepções, vivências, opiniões) dos sujeitos sociais que, no caso do Rio Vermelho, experienciaram as conseqüências do processo de urbanização geral de Florianópolis sem nele tomarem parte enquanto agentes gerentes do mesmo – como uma minoria silenciada. Sobre essa possibilidade de a história oral dar voz aos “de baixo” da sociedade, Meihy aponta:

Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas, principalmente mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes, exilados, têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.⁸

Para tanto, entramos em contato com uma ex-moradora do bairro, a senhora D. V. C., 72 anos, no sentido de realizarmos uma entrevista de história oral que tivesse como ponto principal a compreensão de como se construía o modo de vida do bairro antes da intensificação de sua urbanização nos últimos quinze anos, bem como a percepção da entrevistada deste processo – suas conseqüências, pontos positivos e negativos. A senhora D., nascida em 1937, no bairro Vargem Grande, morou no Rio Vermelho por vinte e quatro anos, de 1956 a 1980. Embora não resida no bairro já há bastante tempo, seus vínculos de proximidade com muitos habitantes da localidade permitiram-lhe acompanhar as suas transformações mesmo depois de tê-la deixado. Segundo a própria senhora D.: “[...] hoje em dia vou lá, chego, nossa senhora, se for ir no Rio Vermelho de assim ó, visitar todas as pessoas que eu conheço, eu tenho que ir no dia primeiro do mês e voltar no último”.⁹

Transformações na estrutura econômica e nos modos de vida tradicionais

Como chave-interpretativa para a análise ora objetivo do presente trabalho, o materialismo histórico nos auxilia na compreensão de como as transformações no modo

⁸ MEIHY, J. C. S. *Manual de história oral*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1998. p. 11.

⁹ Entrevista com a senhora D. V. C., realizada em sua residência no bairro Monte Verde, Florianópolis, no dia 17 de abril de 2009.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960 de produção, num determinado contexto, repercutem sobre a organização social e cultural dos indivíduos. Segundo Marx:

O fato é, portanto, este: o de determinados indivíduos que trabalham de determinado modo, entrarem em determinadas relações sociais e políticas. A observação empírica tem de mostrar, em cada um dos casos, empiricamente e sem qualquer mistificação e especulação, a conexão da estrutura social e política com a produção.¹⁰

Ainda, de acordo com Bukharin:

O processo das transformações sociais está, como sabemos, em ligação com a transformação do estado das forças produtivas. Este movimento das forças produtivas, assim como o movimento e reagrupamento de todos os elementos da sociedade que estão ligados a ele, não é outra coisa que o perpétuo processo de ruptura do equilíbrio social e do seu contínuo restabelecimento. Com isso, suponhamos um movimento progressivo das forças produtivas. E disso, que resulta? Primeiro e antes de tudo, que entre a técnica social e a economia social nasce uma contradição: o sistema sai do seu equilíbrio. As forças produtivas ganham um certo avanço. Onde: deve dar-se um certo reagrupamento dos homens. Por que? Porque não havendo equilíbrio, o sistema não pode subsistir por muito tempo. Esta contradição se resolve. Como? Precisamente por este reagrupamento dos homens; a economia se adapta ao estado das forças produtivas, à técnica social. Mas o reagrupamento dos homens no processo econômico supõe necessariamente o seu reagrupamento na estrutura social e política da sociedade [...].¹¹

No caso específico do Rio Vermelho, sua forma original de produzir materialmente a subsistência – ligada principalmente à agricultura familiar, à criação de animais, à pesca, ao engenho de farinha de mandioca e ao tear manual – e a conseqüente forma de ocupação de seu espaço geográfico deram base a uma determinada forma de sociabilidade, de caráter eminentemente rural e provinciano. Forma esta que, de acordo com as transformações econômicas que vem se processando em Florianópolis nas últimas décadas, se reordena a partir da intensificação da urbanização e da integração da localidade ao conjunto da ilha, ganhando um caráter cada vez mais cidadão. Nesse ínterim, a própria noção de identidade cultural de sua população também se transforma, em virtude da chegada maciça de novos moradores.

No início da ocupação da localidade, por uma questão de praticidade, as casas ocupavam áreas próximas a rios e fontes de água. Com a melhora do poder aquisitivo de

¹⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; FEUERBACH, Ludwig. A ideologia alemã: 1º capítulo seguido das teses sobre Feuerbach. São Paulo: Moraes, 1984. p. 21.

¹¹ BUKHARIN, N. *Tratado de materialismo histórico*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [19-]. p. 289.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960
muitos moradores, a partir da década de 1930, pelo trabalho na pesca embarcada, principalmente no porto de Santos e no Rio Grande do Sul, as casas passaram a ser concentrar perto da estrada principal – ainda de areia – e o intercâmbio com outras localidades da ilha também se intensificou, contribuindo para a diminuição do isolamento do bairro. Processo este que possibilitou que as casas, outrora construídas com taipas cobertas com palha, passassem a ser erigidas com tijolos e telhas de barro.¹²

Outra consequência importante do trabalho de homens do bairro na pesca embarcada era que, com suas economias guardadas, eles podiam adquirir terras, o que deu origem ao processo de comercialização de terrenos. Nesse ínterim, a pesca tornou-se a principal atividade econômica, ficando a agricultura em segundo plano, como complementar a renda familiar.¹³ Na produção agropecuária, destacavam-se o café, o arroz, a farinha de mandioca e o leite. (Entrevista com a senhora D. V. C.)

Até 1960, o contingente populacional do Rio Vermelho era de 977 pessoas, ano em que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) passou a contar a população em separado daquela do bairro Ingleses.¹⁴

O conjunto de transformações verificadas em Florianópolis a partir da década de 1960, do que se destacam a instalação na cidade da Universidade Federal de Santa Catarina e da ELETROSUL, incidia sobre a vida das comunidades tradicionais. Mesmo o afastado Rio Vermelho não passaria incólume. A melhoria no sistema viário dentro da ilha permitiu um maior contato entre as suas localidades. A chegada de novos moradores à cidade, atraídos pelos empregos criados pelo surto de desenvolvimento local, trouxe uma influência cultural antes inexistente ao modo de viver ilhéu. No final da década de 1960, a luz elétrica chegou ao bairro, substituindo a luz de candeia.¹⁵ No fim de 1960, chegou a televisão, sendo que a população local pode acompanhar a Copa do Mundo de futebol de 1970. (Entrevista com a senhora D. V. C.) No entanto, de acordo com o censo do IBGE de 1970, a população do bairro era de 833 indivíduos, número menor do que o aferido dez anos antes.¹⁶

Nessa época, a rua geral já se tornara o principal espaço de sociabilidade do bairro, ponto de encontro da comunidade para eventos coletivos como desfiles de

¹² MENEZES. Op. cit., p. 77-78.

¹³ Ibidem, p. 82.

¹⁴ MENEZES. Op. cit., p. 109.

¹⁵ Ibidem, p. 81-82.

¹⁶ Ibidem, p. 109.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960 carnaval e procissões religiosas.¹⁷ Além disso, os moradores queriam construir suas casas sempre a beira da estrada geral. (Entrevista com a senhora D. V. C.)

Mas foi mesmo a partir da década de 1980 que o Rio Vermelho começou a se integrar de vez ao conjunto urbano de Florianópolis. A intensificação da urbanização seguiu *pari passu* ao desenvolvimento do turismo na ilha. Os terrenos valorizavam-se em função da grande procura por parte de indivíduos de outras cidades e estados, encantados com a propaganda sobre a *Ilha da Magia* divulgada na mídia, sendo vendidos pelos antigos moradores que assim dispunham de recursos para melhorarem suas próprias residências. Sobre isso, comenta a senhora D.:

[...] aí é que começou aquela revolução. [...] começaram a vender muito barato. [...] que aquilo era um terreno que pra aquelas pessoas que moravam ali não tinha grande valor. Né. Aquele terreno assim, aquele comprimento de terra que não dava pra fazer nada. Então, aí começaram a vender, os primeiros que venderam, os outros pensaram, vamo tratar de vender senão ninguém vende nada. Aí foi aparecendo um e um... [...] [Quem comprava era] o pessoal de fora. Porque aí, quem tinha terreno ali, maior, já dividia e dava lote pra cada filho. Né. E o resto que sobrava, vendia.

A transformação na estrutura econômica da cidade também repercutiu no bairro no sentido de substituir as antigas formas de produção da subsistência – como a agricultura familiar, a criação de animais, a pesca, o engenho de farinha de mandioca e o tear manual – pelo emprego no setor de serviços. Segundo Menezes:

Em função do turismo, as rendeiras tornaram-se domésticas ou faxineiras; entre os pescadores, alguns destes ingressaram no ramo de bares e restaurantes e outros tornaram-se pedreiros, pintores e jardineiros. No Rio Vermelho, as transformações nem sempre estão ligadas diretamente ao desenvolvimento do turismo no próprio bairro, mas sofre a influência do turismo dos balneários vizinhos, o que fez a localidade consolidar-se como um local de moradia. É o bairro residencial que cresce por sua qualidade ambiental (plano, entre a lagoa e o mar, preços baixos dos terrenos e características ainda rurais), e pela expansão da cidade como um todo.¹⁸

Sobre o *boom* do turismo na passagem de 1970 para 1980, e a emergência de novas atividades econômicas, a senhora D. comenta especificamente o aparecimento das rendeiras na Lagoa da Conceição:

¹⁷ Ibidem, p. 84.

¹⁸ MENEZES. Op. cit., p. 85.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

“[...] eu comprava renda e vendia na Lagoa da Conceição, quando começou o movimento de turismo, né, que tinha, começou a aparecer aquelas barraquinhas na Lagoa da Conceição. [...] Aquelas barraquinhas [...] na beira da lagoa, aquela coisa que nasceu a primeira, aquela ia bem, a outra vizinha do lado já foi lá e fez outra e daí começaram. [...] Quando começou a história da renda. Que aí veio, parece assim que veio um, como diga, pra comparar, parece assim um enxame de abelha. Que quando sai, sai tudo. [...] foi bem assim. Aquele sufoco, tão vendendo renda na Lagoa, não sei o que, e aí a gente já começou, [...] e aí eu já passei a comprar a minha e vender, tinham muitas encomendas, tinham muitas peças, muito bonitas [...]. [...] aquilo nunca deu um dinheiro bom. Nunca teve valor. (Entrevista com a senhora D. V. C.)

A experiência da senhora D. é bem interessante, pois aponta para uma reorientação da ocupação econômica dos moradores do bairro da pequena produção – no caso, de acordo com a entrevista, ela e o marido plantavam arroz para ser beneficiado em Biguaçu, além da plantação de café, mandioca e outros itens da agricultura de subsistência – para a indústria do turismo, neste caso, a confecção e comercialização de renda.

A década de 1980 já registra um importante aumento populacional no bairro. O censo do IBGE de 1980 apontou 1223 habitantes, enquanto a contagem da Intendência – uma espécie de prefeitura da localidade, subordinada ao governo municipal –, em 1984, aferiu o número de 1300 indivíduos.¹⁹ Ou seja, um crescimento demográfico de quase cinquenta por cento entre 1970 e 1980.

Em 1990, o término do asfaltamento da ligação entre a Barra da Lagoa e os Ingleses – a rua geral do Rio Vermelho, agora denominada rodovia João Gualberto Soares, antigo morador do bairro – permitiu um afluxo ainda maior de turistas à localidade. Com isso, intensificou-se a procura por terrenos e a especulação imobiliária. O crescimento do número de loteamentos, em grande parte realizados de forma irregular, deu origem a uma configuração de assentamento marcada por servidões muito compridas, sem cruzamento com vias transversais, e de pequena largura, muitas inadequadas à circulação de veículos. A comercialização destes pequenos lotes, a preços baixos, fez com que se aumentasse significativamente o número de habitantes do bairro a partir desta década, sem que existisse infra-estrutura suficiente para atender a esta nova demanda.²⁰

¹⁹ MENEZES. Op. cit., p. 109.

²⁰ Ibidem, p. 86-89.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

Os números do IBGE nos dão uma amostra muito clara do impacto que o asfaltamento da rua geral do Rio Vermelho trouxe ao seu crescimento populacional, no sentido tornar o acesso ao bairro mais fácil. Em 1991, logo após o término da obra, o IBGE estimou a população em 1864 indivíduos. A contagem de 1996 já registrava 2386 pessoas. Em 2000, o número de habitantes atingia 6791.²¹ Ou seja, a diferença percentual entre 1984 e 1991 foi de mais de quarenta por cento. Entre 1991 e 1996, após o asfaltamento da rodovia João Gualberto Soares, o aumento foi de quase trinta por cento. E entre 1996 e 2000, houve um *boom* na ocupação do bairro, que teve sua população quase triplicada. Comparando os números do IBGE de 1980 e 2000, temos um crescimento demográfico de mais de 550 por cento em vinte anos.

Paralelamente a isso, o papel da rua geral do bairro de espaço principal de sociabilidade vem perdendo força desde a década de 1990. O crescimento populacional e as transformações urbanas acabam por eclipsar o tradicional modo de vida do bairro, apagando a antiga identidade cultural e histórica da localidade, no caminho da homogeneização que perpassa toda a ilha. Um exemplo interessante disso é a substituição da arquitetura tradicional da localidade por novas construções de padrão mais moderno.²²

Tomando por base a pesquisa de Menezes (2004), na qual foram coletados dados junto à população do Rio Vermelho, através de questionários, para aferir-se o tempo de residência dos habitantes no bairro, bem como sua procedência e perfil sócio-econômico, importa destacar que uma expressiva parcela dos moradores (60%) declarou residir a menos de dez anos na localidade, enquanto apenas 25,26% dos entrevistados eram nativos. Sendo que, entre os não-nativos, 42,89% eram catarinenses, 13,16% gaúchos, 8,16% paranaenses, 5,00% paulistas e 5,26% de outros estados.²³

Os números obtidos por Menezes e os dados apresentados pelo IBGE demonstram uma clara ligação entre o *boom* demográfico da década de 1990 e a intensificação da urbanização do bairro no período, destacando-se neste processo a pavimentação de sua via principal, a rodovia João Gualberto Soares e a ocupação da área do Travessão – uma via antes praticamente abandonada –, por moradores migrantes de outras localidades.

²¹ Ibidem, p. 109.

²² MENEZES. Op. cit., p. 89-93.

²³ Ibidem, p. 111-112.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960
A visão dos moradores nativos: utilizando a entrevista

Ainda com base na pesquisa de Menezes (2004), entrevistas realizadas com moradores do Rio Vermelho destacaram como os grandes problemas do bairro a questão do acesso à saúde, a condição precária de circulação na maior parte das ruas e o serviço de transporte coletivo, operado pela Canasvieiras Transportes. Como maiores qualidades do bairro, foram apontadas a água e a habitação.²⁴

Em outro estudo, este sobre a percepção ambiental da população de Florianópolis (2004), Addison apontou que 100% dos moradores do Rio Vermelho entrevistados afirmaram não querer mudar de bairro.²⁵

Enquanto ferramenta para aferir a percepção dos moradores mais antigos do bairro acerca das conseqüências do seu processo de urbanização, o presente estudo se baseou na utilização da história oral. Da entrevista com a senhora D. V. C., pode-se extrair elementos que auxiliem na compreensão das diferenças entre o Rio Vermelho de ontem e o de hoje.

Enquanto base principal da sociabilidade do Rio Vermelho de outrora, havia um senso de comunidade que perpassava as relações sociais e que se manifestava, de acordo com a própria entrevistada, em elementos como a participação maciça da população nos festejos tradicionais, no fato de quase todos se conhecerem pelo nome, na inexistência de problemas relacionados à violência urbana, bem como no auxílio mútuo em momentos de necessidade. Sobre isso, a senhora D. comenta:

A comunidade inteira participava [das festas]. Então, era feita assim uma festa de sítio mesmo, uma festa simples, [...] tinha barraca. As pessoas iam à novena [...], no outro dia dez horas era a missa, à tarde era a procissão da festa de São João Batista. E se fosse a festa do Espírito Santo era a mesma coisa. [...] Todo mundo ia pra igreja, assistia à novena, acabava a novena ia pras barracas, pros bailes. [...] do final do Rio Vermelho até lá a outra ponta, quer dizer de ponta a ponta, [...] todo mundo conhecia todo mundo. [...] As pessoas visitavam as outras. Era uma comunidade assim muito, muito junta. [Quanto à violência] a gente não escutava isso, lá, pelos menos lá não [...]. A gente até tinha às vezes lá um acidente, uma coisa assim, mas isso era um acontecimento, né. Mas esse negócio de tiroteio, dessas coisas, não. [...] a gente conhecia o terreno das pessoas, sabe, isso aqui é do fulano, você entendeu, porque era muito, uma coisa assim, muito comunidade mesmo [...] uma coisa muito familiar, aquela coisa assim, você sabia quanto terreno fulano tinha, quantas roças ele colhia,

²⁴ Ibidem, p. 130-131.

²⁵ ADDISON, Ester Eloisa. *A percepção ambiental da população do Município de Florianópolis em relação à cidade*. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. p. 90-91.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

quantas ele desmanchava, o que que ele fazia, a gente colhia as coisas tudo mas não tinha aquela ganância de vai vender, dava pra quem não tem.

Evidentemente, não se pretende afirmar que antigamente o modo de vida do bairro fosse marcado por um espírito comunitário ideal, ou seja, que não havia choques de sociabilidade entre seus habitantes, problemas, disputas. No entanto, o crescimento urbano somado à chegada de um grande número de pessoas de fora do bairro, contribuiu para transformar as relações sociais do cotidiano, agora marcadas, grosso modo, pela inexistência de uma ligação mais próxima entre as pessoas, a falta de experiências coletivas partilhadas comunitariamente, como outrora se dava por meio das festas de São João e do Espírito Santo, por exemplo. Falando dessa mudança, D. ressalta:

Hoje em dias as festas não são mais iguais, porque essa moçada nova não dá importância. É porque antigamente [...] a gente só tinha as festas. Era Natal, era festa do Natal. Era Páscoa, festa da Páscoa. Era a festa de São João, e a festa de Espírito Santo, e deu. Então aquilo quando aparecia, era um acontecimento. [...] Não tem mais aquela história assim de passar por as pessoas ‘oi, como é que vai, ta tudo bem, aparece’. Passam pelos outros assim parece que não. [...] Eu acho tão legal quando eu passo na rua, que passo por uma pessoa que diz “bom dia, boa tarde”. Então isso é assim uma coisa mais de carinho, não sei, de aproximação, não sei o que que é. É uma estupidez, você pega o ônibus, é uma ignorância que não tem mais tamanho, aqueles que andam com uma mochila nas costas, estudantes, são mais ignorantes, mais brutos.

Da fala da senhora D., depreende-se a perda de um elemento mais afetivo na relação social existente anteriormente no bairro – sob um modo de vida ainda praticamente rural –, superado pela fria sociabilidade característica da vida na cidade.

Porém, é a própria entrevistada quem retrata a vida num Rio Vermelho pré-urbano como “sacrificada”. Ainda ao início da década de 1960, a população convivia com as dificuldades inerentes à inexistência de um posto de saúde na localidade e uma linha de transporte urbano. Segundo D.:

[Quando alguém ficava doente] isso que era o sacrificio. Porque nós não tínhamos posto de saúde, né, não tinha nada. Então a gente... Primeiro veio a aparecer esse negócio das missões. [...] Que era da igreja Católica, né. E antigamente tinha muito na ilha, hoje em dia isso sumiu, que eu acho que era dos padres franciscanos. Então aí, existia as missões, quando existia isso, aí ia muita gente que tratava das pessoas, dava remédio, fazia curativo, e essa coisa toda. Então, aí a gente aproveitava aquilo ali. E do resto não tinha posto de saúde. Então a gente ou vinha na cidade, ou então comprava remédio por



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

conta própria, e tomava. Remédio, chá, chá caseiro, né, essas coisas assim.

Sobre uma ocasião em que uma de suas filhas ficou doente, com um problema na garganta, a senhora D. relata:

[...] o meu marido saiu pra procurar um socorro, ele saiu de casa era cinco horas da tarde. Sabe que hora ele voltou? Uma hora da manhã. Com o carro de um amigo dele ainda, pra ir buscar pra levar no hospital. Aí ele foi, ele foi pro, nesse carro a gente levou direto pro Hospital Nereu Ramos.

O desenvolvimento do bairro facilitou o acesso à saúde, após a construção do posto de saúde em meados da década de 1970²⁶, e possibilitou maior mobilidade aos seus moradores com a implantação de uma linha regular de ônibus. Acerca da primeira linha, D. comenta:

Então quando apareceu o primeiro ônibus, era o ônibus da empresa de Canasvieiras. Ele saía lá de manhã, e ele voltava à noite. [...] Então era assim: ele vinha de manhã, quem quisesse vir pra cidade tinha que vir naquele horário. Ainda que o serviço fosse pouco. Mas tinha que ficar o dia todo aqui. Até a hora do ônibus voltar. [...] Vinha até o Centro, ali pessoas faziam o que queriam, ficavam zanzando o dia todo na cidade, até que chegasse o horário do ônibus novamente. Que era só um ônibus.

O gradativo desenvolvimento do bairro tendeu a aumentar o número de horários da linha que servia o Rio Vermelho. A posterior implantação de uma linha de ônibus entre o Rio Vermelho e o entorno da Lagoa da Conceição foi outro ponto decisivo para a integração da localidade ao conjunto da ilha.

[...] a linha era da Ribeironense parece, acho que era, não me lembro bem a empresa, sei que não era Canasvieiras. Ela dava a volta pelo Rio Tavares, fazia todo aquele contorno lá, passava pela Lagoa, Barra da Lagoa e ia até o final do Rio Vermelho. Então aí já melhorou pro nosso lado. (Entrevista com a senhora D. V. C.)

No bairro, as mudanças inerentes à urbanização foram se processando de forma gradativa até o fim dos anos 1980. A chegada da nova década trouxe consigo um importante contingente de novos moradores. Com a intensificação da urbanização e o adensamento populacional, a transformação da localidade tornou-se assim mais evidente. Sobre a percepção de que o bairro havia mudado, nos conta a D.:

²⁶ MENEZES. Op. cit., p. 84.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

[...] ficou claro pra mim, quando o Travessão encheu de casa. Porque o Travessão era igual uma colcha de retalho. [...] quando a gente chega no alto daquele morro [do Rio Vermelho], e olha pra trás, toda aquela faixa do Travessão aparece, né. Até o mar e tudo. Então aquilo ali era igualzinho uma colcha de retalho. Porque, no caso, se uma pessoa plantasse uma roça, aquele quadrado ficava de uma outra cor [...]. Se fosse uma roça de milho, as cores, era muito lindo, a gente olhava de cá de cima, era uma colcha de retalho. Era muito bonito. E aquilo fez falta. Quando a gente passou a chegar no alto daquele morro, com as casas pintadas [...].

Até a década de 1990, o chamado Travessão era uma estrada paralela à Rodovia João Gualberto Soares tida como abandonada pelos moradores do Rio Vermelho, uma obra inacabada de gestões anteriores do governo municipal.²⁷ O começo da década registrou um considerável aumento na ocupação desta área, como retrata a nossa entrevistada.

A chegada dos novos moradores acarretou o contato dos nativos com costumes diferentes daqueles aos quais estavam habituados. Um elemento representativo desse processo é a questão do banho de mar. Hoje, Florianópolis é bastante conhecida por suas inúmeras praias e por possuir ótimos pontos para a prática do surf. No entanto, cabe salientar que para os nativos a praia sempre esteve ligada à pesca, e não ao lazer. A senhora D. relata:

A gente ia na praia sabes quando, na época da tainha. [...] então as mulher corriam tudo na praia. Pra ajudar, como diziam elas, pra ganhar peixe. Mas ir na praia, pra tomar banho, pra ta esticada lá feito umas baratas tontas [...] ninguém ia não, não tinha isso. [...] meu pai foi um dia na Canasvieiras comprar peixe. [...] então aí tinha um senhor lá [que reclamava] ‘não da mais a gente pescar’, ‘por causa de quê?’, desculpe a expressão, mas era assim mesmo que eles diziam, ‘porque depois que virou esse lava-cu na praia’... que naquela época, eu era solteira ainda, naquela época tavam começando na praia de Canasvieiras. [...]. Quem é da comunidade que ia tirar a roupa pra ir lá na praia. Não. Tava começando a vir. [...] esse pessoal foi se infiltrando, então foram vindo. Mas o pessoal da ilha não tinha este hábito. [...] Conforme foi vindo tudo, né, veio os surfistas também, campeonato de surf, e não sei que mais, tudo isso veio depois. A cada ano que passa chega mais um bocadinho. Né. Mas não tinha nada disso. Ninguém ia sair de casa pra ir na praia.

Florianópolis mudou, o Rio Vermelho também. Nestas últimas décadas, o surto de desenvolvimento urbano que invadiu a ilha, junto com os “de fora”, transformou

²⁷ CARUSO. Op. cit., p. 12.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960
todo o movimento de vida da cidade. Sobre as consequências deste processo para o bairro, D. comenta:

[...] tem duas partes: o que é de bom e produtivo, foi muito bom, é lógico. Porque evoluiu as pessoas, elas tem mais oportunidades [...] as pessoas que hoje em dia moram lá tem mais condição de pagar um estudo, tem mais ônibus pra vir estudar, podem trabalhar, lá também deve ter muito serviço, que tem muito comércio, né, antigamente não tinha nada disso. Então, quer dizer, evoluiu por esse lado. Agora, o que não prestou [...] foi essa raça ruim que veio de fora, porque vê, quantos traficantes tem achado escondido no Rio Vermelho [...] eles vem pra ali, mas eles trazem toda a raça ruim deles. [...] Então, vão transmitindo ali, parece uma praga ruim, uma doença ruim, que vai transmitindo e não tem mais conserto. Então, pra mim, esse lado daí é ruim. [...] eu acho assim que a evolução foi tão grande, desordenada, que acontece isso [...].

Das palavras de nossa entrevistada acerca das consequências da urbanização do bairro, destacamos dois pontos: um positivo, a maior comodidade que estas transformações trouxeram ao cotidiano dos moradores, e um negativo, relacionado estritamente à questão da violência e do tráfico de drogas.

Considerações Finais: a dialética da urbanização do bairro

Hoje em dia, a vida no Rio Vermelho não é mais “sacrificada”, como nos retrata a senhora D. V. C. Diferentemente de quarenta anos atrás, atualmente o bairro possui atendimento público de saúde, serviço de água tratada (CASAN), um bom número de horários de ônibus, novas oportunidades de emprego pelo crescimento do comércio, ou seja, maior comodidade na vida cotidiana. No entanto, o crescimento urbano teve e tem seu preço. Em função dele, o Rio Vermelho mudou. Não é mais o espaço da comunidade ilhéu tradicional, em que as pessoas conheciam seus vizinhos pelo nome, em que todos participavam juntos dos festejos costumeiros. Não é mais o espaço em que cada morador tinha a sua vaquinha, onde se encontravam diversos engenhos de farinha. Não é mais o lugar bucólico, de vida simples, rural. Hoje o bairro tem cara de cidade. E sofre com os problemas próprios à cidade, intensificados pelo crescimento desordenado dos últimos vinte anos. Do que se destaca a questão da violência, cristalizada mormente no desenvolvimento do tráfico de drogas.

Procurou-se neste trabalho correlacionar as mudanças do bairro ao processo de transformação sócio-econômica geral de Florianópolis, sendo este a base explicativa do



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

caso da localidade, considerado como um reflexo do contexto maior da cidade. Ou seja, partiu-se do princípio de que foi a transformação da estrutura econômica o principal motor – mas não o único – não só da urbanização como da emergência de uma nova identidade na ilha, marcada pelo contato entre os costumes tradicionais da comunidade local e a cultura dos “de fora”. A imagem de Florianópolis veiculada pelos meios de comunicação nos remete a imagens relacionadas ao turismo, como o banho de mar em suas praias, o surf, suas belezas naturais, a cidade do Guga... Mas esta identidade é muito recente, e muito difere daquela tradicional dos antigos ilhéus. Na verdade, esta nova identidade tende ainda a obnubilar as conseqüências negativas da ocupação desordenada da ilha, como os grandes congestionamentos, a ocupação indevida de áreas de preservação ambiental, a violência urbana, a poluição, dentre outros problemas. É neste ínterim que cabe questionar quem realmente se beneficia, de maneira plena, do progresso de Florianópolis – uma pequena elite formada principalmente por endinheirados que aportaram há poucas décadas na ilha, ou a população nativa, que convive diariamente com a problemática da expansão urbana desordenada e a especulação imobiliária.

Em suma, sobre o saldo deste contato entre moradores tradicionais e os recém-chegados, a senhora D. é enfática:

Olha, tem muita gente de fora que vem que é muito bom. É um contato que a gente vê, são outros costumes, né, outra cultura, a gente aprende com eles, e tudo bem. Mas tem coisa que ó, deus que me perdoe... não devia achar a ilha não. É, não devia achar a ilha nunca.

Referências:

ADDISON, Ester Eloisa. *A percepção ambiental da população do Município de Florianópolis em relação à cidade*. 151 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BUKHARIN, N. *Tratado de materialismo histórico*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, [19-].

CARUSO, J. P. L. *Interditos Matrimoniais: os contextos da fuga no Rio Vermelho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã (I-Feuerbach)*. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.



Tiago A. Viktor: As transformações urbanas do Rio Vermelho, Florianópolis, e suas repercussões no modo de vida do bairro desde meados de 1960

MEIHY, J. C. S. *Manual de historia oral*. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1998.

MENEZES, Dalma Lucia. *O Bairro do Rio Vermelho: um espaço em transformação*. 180 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

OLIVEIRA, Lisete Terezinha Assen de; MARX, Murillo. *Formas de vir-a-ser cidade: loteamentos e condomínios na Ilha de Santa Catarina*. 253 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

